

As duas faces de Fujimori

Por que um povo como o peruano, tão castigado pela crise econômica e pelo programa de a juste, continua apoiando Fujimori? Como é que ele conseguiu o que todos acreditavam impossível: capturar Abimael Guzmán, derrotar o Sendero Luminoso e liquidar o MRTA?



O apoio popular a Fujimori é muito grande, mas diminui quando se fala de sua reeleição

Héctor Bejar

Como pode manter um índice tão alto de popularidade um homem que, através de um golpe de estado, dissolveu um Parlamento democraticamente eleito? Há muitos fatores que explicam isso. Assinalemos primeiro os fatores que amortecem a crise econômica e que tornam possível ao povo peruano sobreviver.

Em que trabalham os peruanos? Cerca de 400 mil vendedores ambulantes e 300 mil microempresários ganham a vida como podem em Lima, e dezenas de milhares em outras cidades, "inventando" seu emprego e conseguindo seu capital mediante empréstimos com agiotes. Cerca de 600 mil pessoas vivem direta ou indiretamente do narcotráfico em todo o país. Não menos de 100 mil trabalham como segurança particular contra roubos e seqüestros. Além disso, um milhão de peruanos emigraram para Estados Unidos, Europa e Japão e desses lugares enviam aproximadamente 400 milhões de dólares anuais para suas famílias.

Por outro lado, só na Grande Lima existem mais de 5.800 lugares onde se servem gratuitamente 746 mil refeições diárias sem nenhuma ajuda do governo. Durante os momentos mais graves da crise, de cada 100 habitantes de Lima, 12 se alimentavam dessa forma. As famílias numerosas juntam a exigua renda de seus membros num "fundo comum" pa-

ra poder sobreviver e colocam as crianças para trabalhar.

Todas essas pessoas não fazem manifestações públicas, não batem nas portas das fábricas pedindo emprego, não vão aos bancos nem pedem nada ao governo. Em sua grande maioria, sabendo que ali nada se pode conseguir, a população peruana não conta com o Estado na hora de solucionar seus problemas econômicos.

Isto criou uma nova atitude frente ao governo. Diferentemente do que ocorria no passado, a população sabe que sua sorte não depende de quem está no poder e, portanto, a política e o governo não estão no centro de suas preocupações.

Além disso, ao lado da economia formal em recessão, existe uma ativa economia ilegal e informal dolarizada. É composta pelo contrabando de importações, pelas indústrias clandestinas e pelo tráfico de drogas, que se calcula em 1,5 bilhão de dólares anuais.

Durante certo tempo também entraram os capitais atraídos pelas altas taxas de juros oferecidas pelos bancos peruanos. As contas em dólares correspondem a 84% dos depósitos bancários totais. Este volátil financiamento explica também o fato do Peru poder comprar no mercado internacional mais do que pode vender.

Também prosperam aqueles que estão importando milhões de dólares anuais em alimentos, em





**mais de 400 mil
amelôs disputam os
ossíveis compradores
as ruas de Lima**

carros novos e usados de todas as marcas, e produtos sofisticados de todos os preços e para todos os gostos, aproveitando as baixas taxas de importação e seguindo a nova fase de uma economia recentemente aberta.

Na prática, não há oposição a este modelo econômico. Os pobres ficam encantados de ver os mercados do contrabando abarrotados de artigos baratos da Ásia, embora só possam comprar coisas pequenas. A todos convém estar abastecidos de muitas coisas e ainda por cima, baratas. O tempo do desabastecimento já passou e ninguém quer que ele volte.

Sem alternativas à vista - Depois do golpe de 5 de abril, uma parte da direita política se li-

mita a pedir o retorno da democracia e a esquerda se cala, desconcertada. Mas ninguém se atreve a sugerir caminhos alternativos. Principalmente se a opinião geral é de que o pior do ajuste já passou e é melhor esquecê-lo.

A população prefere não pensar e tem opiniões parecidas em relação ao regime embora, com a diminuição do terrorismo, a violência comum se incrementa. Os crimes e a defesa contra eles alimentam um círculo corrupto de violência privada e estatal, que também é negócio e dá empregos. Mais de 100 mil delitos são registrados anualmente e outros milhares não chegam ao conhecimento da polícia. São quase 87 mil roubos por ano, 238 por dia, e 9 por hora.

Para combatê-los, o sistema comercial de segurança envolve chaveiros, vendedores e instaladores de alarmes e mecanismos detectores, empresas especializadas em segurança, academias de defesa pessoal, guarda-costas e seguranças particulares de todas as categorias. Esse é também um mercado em crescimento onde é comum que ladrões e seguranças se entendam para manter o negócio.

No entanto, cabe supor que, se não fosse o terrorismo, o protesto do povo contra uma parte do programa liberal - as demissões em massa e a falência dos bancos, cooperativas e caixas de assistência mútua, por exemplo - teria sido muito maior. O terrorismo inibiu o protesto contra o choque.

Mas nada disso pode diminuir os méritos de um

homem que, subestimado por políticos e empresários brancos, assumiu um país que em 1990 estava em ruínas. Esse é um mérito que o povo reconhece e agradece: tê-los salvo do terrorismo e da inflação. Ao contrário dos seus antecessores, Fujimori conduziu com pulso firme a guerra contra o terrorismo, obtendo êxitos tão notáveis como a captura do líder do Sendero Luminoso, Abimael Guzmán, e o fato de ter praticamente liquidado o Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA).

É evidente agora que os terroristas puderam avançar por falta de decisão política dos governantes anteriores, mais preocupados em usufruir do poder do que com os problemas nacionais.

O povo apóia Fujimori nessa luta e reconhece a sua coragem. Por outro lado, sua estratégia foi mais inteligente e global que a burra repressão aplicada em doze anos de democracia. Seus componentes são: o uso de instrumentos psicossociais de propaganda, a constante realização de batidas policiais nos bairros populares de Lima, o controle militar da ordem nas universidades, apoiado pela maioria dos estudantes, e a organização de milícias urbanas e rurais de autodefesa.

A sociedade peruana finalmente se colocou contra o terrorismo e por isso também tem um mérito nessa história. Não teria reagido se não tivesse encontrado um firme respaldo no governo e nas Forças Armadas.

O outro lado da moeda - A outra face do regime são os terríveis atentados contra os direitos humanos como o que se cometeu contra os estudantes de La Cantuta, os assassinatos em massa de população civil indefesa, como os recentes episódios em Huallaga, a submissão às regras do Fundo Monetário Internacional (FMI), a insensibilidade diante da tragédia dos desempregados, a associação com as multinacionais que voltam para saquear o país.

Mas o governo esconde esses fatos, amenizados pelos meios de comunicação controlados pelo serviço de informação e pelos grandes empresários, e subestimados pela opinião pública que, farta de violência e sangue, prefere ignorá-los e se entrega a uma nova esperança: a reativação econômica mediante o ingresso de capitais estrangeiros.

Tudo lentamente vai voltando ao normal na vida urbana e a população respira aliviada. Mas o país está longe de haver superado seus males. O processo de utilização da selva para a produção da coca continua ao norte da Amazônia e começa a introduzir-se o cultivo da papoula. A rede do narcotráfico continua sendo próspera: inclui os plantadores de coca, os que fazem a pasta básica, os bancos que lavam dólares, os transportadores de insumos e produtos, os distribuidores de droga a varejo nos bairros das cidades importantes e os cambistas que põem em circulação o dinheiro procedente do tráfico. Todo esse negócio gera uma grande massa de dinheiro, milhares de

empregos e um círculo corrupto que se entrelaça com os da violência terrorista e os delitos.

Mercado livre e pena de morte—A nova Constituição de 1993 tem como principais características um regime econômico de livre mercado e propriedade privada, a pena de morte para os terroristas e a possibilidade de reeleger o atual presidente. Surge um modelo de "liberalismo" autoritário: liberal para os credores internacionais e os grupos financeiros nacionais; formalmente democrático perante a opinião pública internacional; autoritário e ameaçador para os setores internos que contestem o *status quo*. É promovido por Fujimori e um grupo de generais, apoiado por uma parte importante dos oficiais, um setor dos empresários, a ala conservadora da Igreja católica, o *Opus Dei*, os organismos financeiros internacionais e recebe a simpatia ou, no pior dos casos, a tolerância da população.

O medo latente ao senequismo, o desprestígio da classe política, os êxitos na luta antiterrorista e a satisfação pela abertura econômica explicam o respaldo popular ao golpe de estado de 5 de abril e o modelo que o perpetua.

Assim, a sociedade peruana pagará o preço da guerra não só com 25 mil mortos, como também com a submissão dos juizes ao Poder Executivo, os direitos humanos relegados a um plano secundário da consciência nacional, a consolidação do poder militar, a manipulação dos meios de comunicação por organismos de formação e a organização de 300 mil milicianos civis conduzidos pelos chefes militares em diferentes regiões e cidades.

Tem este modelo político possibilidades de sobreviver depois de 1995? Estão contra ele o Departamento de Estado norte-americano, os intelectuais, os setores progressistas da Igreja e todos os partidos políticos, da direita à esquerda. E agora também, a parte do povo que começa a ficar insatisfeita com a falta de empregos, o mal estado dos serviços públicos e a corrupção de algumas personalidades civis e militares.

O respaldo a Fujimori continua sendo muito grande, mas é menor quando se fala de sua reeleição. Segundo as últimas pesquisas de opinião, sua gestão conta com o apoio de 63% do eleitorado, mas só 45,6% declaram estar dispostos a votar nele novamente. A candidatura alternativa do ex-secretário geral da ONU, Pérez de Cuéllar, goza também de apoio e portanto ainda é cedo para fazer qualquer prognóstico.

Novo quadro social—Mas um fato deve ser entendido: há um novo Peru. A velha oligarquia que os partidos de esquerda combateram de 1930 a 1970 é agora coisa de museu. Os novos ricos têm o cuidado de não ostentar por medo de seqüestros. Antes personagem majoritário, o campesinato se transformou em um elemento minoritário e sem maior importância no conjunto da população peruana. A recessão na indústria e na mineiração tem diminuído o peso dos setores operários na vida nacional. A classe média se amplia, mas se empobrece a cada dia.

A aplicação do ajuste econômico radicalizou estas mudanças sociais. De 23 milhões de peruanos, 8 milhões são economicamente ativos. Em 1987, antes do primeiro ajuste, quase 50% desta população — 3 milhões e 250 mil — tinham uma remuneração superior à necessária para comprar a cesta básica. Depois do programa de ajuste, só 19%, ou seja cerca de 200 mil, estão adequadamente empregados, enquanto que 73% estão subempregados. O denominado setor informal urbano, que antes beirava 30% da população economicamente ativa, chega agora à metade: cinco milhões de pessoas.

O pragmatismo da nova geração — A escola e a Universidade tradicionais já não são, como no passado, um caminho de ascensão social. Agora a rua e os meios de comunicação é que educam, com outras imagens e conteúdos. A solução dos jovens é a migração para o exterior ou a educação rápida em carreiras curtas.

Os peruanos que em 1990 tinham 18 anos, nasceram em 1972 e tinham apenas 8 anos quando foi reinstaurada a democracia, em 1980. Eles ignoram os mitos conservadores ou revolucionários dos anos 70, só se guiam por seu pragmatismo: simpatizam com Fujimori porque temem a inflação e querem estabilidade e tranqüilidade. Gostam do livre mercado, querem se livrar dos terroristas, temem os militares, desconfiam dos políticos. Destes, querem resultados, não discursos.

Aceitam a desigualdade, não a discriminação. Os novos mitos são o progresso individual, o trabalho independente ou a vida no exterior. Eles têm novas necessidades: emprego, alimentação, segurança, paz, moradia. A democracia perdeu o prestígio por não dar respostas a estas necessidades. Não existiu comunicação entre estas gerações e os líderes formados nos anos 60 ou 70. Os partidos políticos não foram escola de cidadania.

O programa liberal é apoiado globalmente — embora se rejeitem a recessão e o desemprego — porque aparece como a única possibilidade, o escuro túnel em cujo final todos acreditam ver a saída. ■

*A democracia se
desprestigiou por
não dar resposta
às demandas da
população:
emprego, paz,
alimentação,
moradia, segurança*